



VIDA DE ‘PIBIDiano’: UMA REFLEXÃO SOBRE A CONTRIBUIÇÃO DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Elivelton Serafim Silva; Leonardo Lira de Brito

Universidade Estadual da Paraíba, eliveltonuepb@gmail.com; Universidade Estadual da Paraíba, leonardoliradebrito@gmail.com

RESUMO: Este trabalho relata a experiência vivenciada por um graduando de matemática, bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Objetivando refletir sobre a contribuição dada, pelo PIBID a sua formação inicial. Para tanto foi analisado o caderno de campo escrito durante atuação no programa e foi feita a comparação das impressões anotadas, com a literatura sobre o tema. Percebeu-se que a participação no programa contribuiu no desenvolvimento da escrita acadêmica, assim como, na construção da identidade profissional. Concluímos que os alunos de licenciatura devem estar cientes das competências necessárias para a constituição de um bom professor e procurar desenvolvê-las, a despeito das debilidades do curso de licenciatura a qual pertence.

Palavras Chave: Formação inicial de Professor, PIBID, Relato de Experiência.

INTRODUÇÃO

Durante nossa formação percebemos a preocupação de alguns docentes pela elevação da qualidade do curso. Alguns apontavam que a qualidade do curso seria elevada caso as disciplinas específicas de matemática fossem ampliadas enquanto que as disciplinas pedagógicas deviam ser minoradas, em contrapartida outros defendiam que as disciplinas pedagógicas fossem ampliadas enquanto que as específicas fossem minoradas. Diante de tal controvérsia começamos a refletir a respeito de nossa formação inicial. Aspectos como: Qual relação deveria existir entre as disciplinas específicas e pedagógicas? Quais competências um aluno de licenciatura precisaria desenvolver para ser um bom professor?

A problemática da formação inicial de professores de matemática tem sido alvo de muitos debates, os quais apontam várias possibilidades para formação inicial, em



contrapartida revelam limites a serem superados.

Neste artigo faremos um relato de nossa experiência quando bolsista do Projeto Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Com o objetivo de apontar as contribuições dadas pelo programa a nossa formação inicial.

Formação do Professor: Considerações Iniciais.

No Brasil a primeira instituição a oferecer cursos de formação de professores de matemática foi faculdade de Filosofia da USP, por volta de 1934. Nesse período os professores de matemática pura ou aplicada focavam a aprendizagem maciça dos conteúdos específicos de matemática, não demonstrando preocupação com a formação pedagógica.

Devido à falta de profissionais da área de licenciatura, o corpo docente dos cursos de licenciatura era formado por engenheiros e bacharéis. Esses profissionais em geral tinham muito conhecimento na área de matemática pura ou aplicada. Segundo Cury (2000) Em geral não tinham formação pedagógica específica, valorizavam extremamente o conteúdo matemático em detrimento dos métodos de ensino.

Concordamos com Cury (2000, p.12) quando afirma:

Sabemos que os alunos, em qualquer nível de ensino, são, em geral, influenciados pelas opiniões e posturas de seus mestres. Os professores universitários de nossa geração foram influenciados pela geração passada e estão influenciando a nova geração.

As influências supracitadas contribuíram para engessar o ensino de matemática, tornando-a uma ciência descontextualizada, pois muitos professores a ensinam como um conjunto de métodos, fórmulas, gráficos e tabelas.

Hoje, ainda encontramos professores da educação básica são influenciados pelo método citado a cima. Mesmo com o avanço dos estudos no campo da educação



matemática, muitos não conseguem mudar seu método de ensino, dificultando a aprendizagem dos alunos.

Outra prática comum nos cursos de licenciatura é o isolamento das diversas áreas da matemática. Da maneira como é ensinado o aluno tem dificuldades em relacionar a álgebra com a análise ou a geometria; a deficiência não é apenas no relacionamento entre matemática pura e a educação matemática, mas também, entre as áreas da matemática pura.

A relação entre a matemática pura e a educação matemática é algo imprescindível na formação inicial de professores, pois, é indispensável que os licenciados saibam relacionar o concreto e o abstrato, o geral e o específico, mas, que desenvolvam métodos que possibilitem a seus futuros alunos a capacidade de diferenciar tais coisas. Sabendo também que o objetivo da licenciatura em matemática, é preparar os futuros professores para atuar na educação básica com conhecimentos específicos dessa área e conhecimentos pedagógicos.

A sociedade está em constante mudança, às formas de comunicação de massa se modernizam rapidamente e a tecnologia torna-se cada vez mais acessíveis a população. Alunos e professores são usuários desses meios fora da sala de aula, porém, há uma sensação que as aulas do ensino básico e superior não se modernizam e não acompanham o desenvolvimento das tecnologias. Defendemos que os docentes que lecionam nos cursos de formação de professores, se adaptem as novas ferramentas tecnológicas oferecidas pelo mercado.

Diante do apresentado, contamos com uma significativa parcela de mestres e doutores especializados nas mais diversas vertentes da educação matemática, prova disto é a grande produção científica e o grande contingente de participantes em congressos da área, mas, na maioria das instituições as disciplinas ministradas por esses profissionais representam uma parcela minoritária do todo. Como, por exemplo, na



Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) a grade curricular vigente no ano de 2014, destina 27,9% da carga horária total do curso para as disciplinas voltadas para a educação matemática, denominadas pela instituição de Atividades Pedagógicas¹.

Nosso objetivo não é questionar a quantidade de horas destinadas às atividades pedagógicas, mas discutir que não só os professores das disciplinas de educação matemática como também os professores das disciplinas específicas devem preocupem-se com seus métodos de ensino, ou seja, fugir dos monólogos introduzindo a contextualização, aplicação prática além das aplicações da matemática na própria matemática quando possível, assim como, o debate, a interação aluno-aluno e aluno-professor, como também o uso de tecnologias e materiais didáticos.

Nas atuações proporcionadas pelo PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência), percebemos que foram necessários tanto os conhecimentos matemáticos quanto os conhecimentos pedagógicos, para elaboração e execução de uma boa aula. Percebemos então que é necessário que se tenha nos cursos de graduação um equilíbrio entre as áreas, indicamos que, o distanciamento das mesmas seja substituído por um diálogo amigável visando uma melhor formação inicial.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para construção de nossa argumentação, revisamos analiticamente o caderno de campo que escrevemos durante nossa atuação no PIBID.

O caderno de campo é um instrumento de pesquisa onde o pesquisador registra impressões, comentários, pensamentos, ideias geradas durante o desenvolvimento da pesquisa. Este registro deve ser detalhado e preciso, indicando datas e locais de todos os fatos, passos, descobertas e indagações, investigações, entrevistas, testes, resultados e respectivas análises.

Em nosso caso elaboramos um caderno de campo digital com anotações correspondentes a participação no PIBID, e não a uma pesquisa específica. As

¹ Informação disponibilizada pela coordenação do curso de licenciatura em matemática.



anotações foram feitas no período que estende-se de agosto de 2012 à dezembro de 2014.

RESULTADOS E ANALISE

Atuamos no PIBID durante cinco semestres, nosso primeiro contato com a sala de aula da escola básica durante a graduação, foi devido a nossa atuação no programa. Nossa adaptação a nova realidade (estar na escola como professor), deu-se de maneira agradável, pois estávamos acompanhados de um profissional experientes na área e que sempre demonstrou disposta a contribuir conosco para sanar nossas dificuldades, orientar em nossos planejamentos e gerenciar nossas intervenções.

Ao retornar ao contexto escolar depois de quase dois anos longe dele, identificamos nuances que antes nunca tínhamos observado. Como a organização escolar, a importância de espaços físicos amplos, a importância de um Projeto Político Pedagógico bem elaborado e a execução do mesmo.

Destacamos positivamente a liberdade que nossa primeira supervisora nos concedeu para elaborar as intervenções, com isso, através da reflexão desenvolvemos métodos e abordagens próprias de apresentação de conteúdo. Para Grillo (2000), o professor competente domina o conteúdo e sabe como ensinar o mesmo. Ao ingressar no programa dominávamos boa parte do conteúdo específico de matemática proposto para a educação básica, mas faltava a prática de ensinar. A atuação nos levou a um autoconhecimento e a construção de nossa identidade e competência profissional.

A vivência em sala de aula não é simples, aprendemos a refletir antes de agir diante de uma situação adversa. Conflitos entre alunos motivados por racismo, preconceito e situações de bullying estão bem presentes no cotidiano escolar e precisam ser coibidos pelos professores, para isso é importante a calma e a reflexão para tomar uma atitude sábia diante de tais situações.

Entendemos que o professor deve ter domínio de conteúdo para que desenvolva



uma prática eficaz. Quando mencionamos domínio de conteúdo nos referimos que o professor deve saber a definição, os conceitos, os procedimentos e a aplicação do conteúdo que ensina. Sabemos que o professor “não sabe de tudo”, ao se deparar com uma pergunta que está fora do seu campo de conhecimentos, o professor deve ser humilde em reconhecer que não sabe e procurar aprender para ensinar ao aluno.

Sobre este assunto Grillo (2001) aponta que “A docência exige um comportamento ético explícito, pois o professor age com consciência profissional, cumprindo compromissos com o conhecimento, com os alunos e com a sociedade”.

É importante que o professor demonstre segurança diante dos alunos. Para Grillo (2001) o professor que tem domínio do conteúdo também tem segurança de ensinar e passa a ser reconhecido pelos alunos como uma autoridade docente. A segurança é algo pessoal que em muitos casos independe da formação inicial, está ligado a características que variam de acordo com cada pessoa. É desenvolvida geralmente a partir da prática.

A autora ainda defende que o domínio de conteúdo aliado à segurança, proporcionam a discussão e abrem espaço para críticas produtivas entre aluno e professor; tais discussões podem ser relacionadas à metodologia do professor, dúvidas no conteúdo, ou mesmo, a questões sociais.

Atuamos em uma escola de periferia, onde os alunos traziam claramente as marcas da violência, em suas atitudes e linguagem, alguns deles eram envolvidos com o tráfico. Devido a essa realidade procuramos com afinco desenvolver uma boa convivência no contexto escolar. Para tanto, entendemos que é necessário que haja primeiramente respeito mútuo entre professor e aluno e entre os próprios alunos. O professor precisa entender e aceitar a individualidade de cada aluno, suas dificuldades e divergências. O professor promove o respeito quando ouve o aluno e reconhece a importância do que o aluno disse, ou mesmo, quando o aluno faz uma pergunta totalmente desconexa do assunto e irrelevante para a ocasião, então, o professor



atenciosamente contorna a situação sem ignorar, menosprezar ou expor o aluno ao ridículo diante da classe.

Grillo (2001, p. 37) afirma que:

O respeito na docência ainda é externado não só em atitudes respeitadas socialmente aceitas, mas através de outros indicadores como preparo do professor, o planejamento e a organização do ensino, a seleção de material didático em termos de relevância do conteúdo para os alunos, de correção linguística, clareza e legibilidade do material apresentado. Os alunos se sentem desrespeitados pelo professor desorganizado, sem a devida preparação, e que utiliza material ultrapassado e confuso.

É de suma importância que o professor esteja ciente que precisa respeitar os alunos e mediar sempre que possível à convivência dos mesmos para que eles se respeitem mutuamente, em qualquer sala de aula independente da realidade dos alunos. Quando o professor conquista o respeito dos alunos às aulas são mais agradáveis e proveitosas.

Outro grande aprendizado foi a respeito da exigência. É importante que o professor seja exigente, estabeleça metas e prazos, visando: a preparação dos alunos para o mercado de trabalho que é muito seletivo e exige profissionais competentes, que cumpram as metas e os prazos estabelecidos pela instituição e também para instigar os alunos a serem responsáveis.

O professor exigente nem sempre é o mais amado pelos alunos, segundo Grillo (2001) os alunos rejeitam os professores exigentes e preferem os professores que não o são, segundo a autora esses profissionais nunca repreendem os alunos, nunca exigem nada, mas também, nada ensinam.

Grillo (2001, p. 39) aponta. “Para o aluno aceitar a exigência do professor é necessário que o respeite como pessoa e como profissional, que reconheça seu domínio de conteúdo e que nele encontre segurança.” Veja que o para que o professor desempenhe bem o seu papel, precisa desenvolver um conjunto de características inter-



relacionadas.

A sala de aula é um espaço onde a interação entre professor e aluno vai além da relação pedagógica e entra no campo das relações humanas, cognitivas e afetivas. Entendemos que os alunos são seres humanos e por isso sentem alegria, tristeza, angústia e aflição. Diante disso, é importante que o professor esteja pronto para demonstrar interesse pelo aluno, conversar sobre os mais variados temas contribuindo para o que o aluno supere os obstáculos impostos pela vida.

Grillo (2001, p.40) destaca:

Entende-se que nem sempre a relação pode ser agradável ou fácil, porque a aprendizagem exige empenho e impõe desafios. Não se trata de reduzir o nível de exigência para estabelecer uma relação prazerosa. O papel do professor é sempre o de auxiliar o aluno a descobrir o seu projeto de realização e os caminhos para percorrê-lo, traduzido na organização de situações de aprendizagens adequadas, no acompanhamento do aluno, na observação de seu desempenho. Aí reside o apoio técnico. O que não se questiona, enfim, é que a interação professor-aluno é sempre perpassada por funções de apoio afetivo ou técnico, ou de ambos, porque elas não se excluem.

Outro aspecto a ser desenvolvido pelo professor em sala de aula é incentivar o desenvolvimento do senso crítico em seus alunos. Ações como debates sobre acontecimentos sociais, políticos, tecnológicos e econômicos, podem despertar no aluno o olhar crítico para a sociedade. Para que o professor tenha condições de mediar debates dessa natureza é preciso que ele possua o senso crítico apurado. Grillo (2001) defende que mesmo que o debate de tais assuntos pareça perca de tempo, é importante que seja feito, pois estamos dando formação política aos nossos alunos. Para autora é importante que o professor, em alguns momentos, deixe de lado a teoria e monte projetos práticos que contribuam para a melhora da sociedade.

Diante do exposto, entendemos que o exercício da docência depende dos saberes adquiridos na universidade e também da subjetividade de cada profissional que está se constituindo, assim sendo é necessário aprimorar a experiência do estágio



supervisionado e ampliar experiências como o PIBID, projetos de extensão, pois, podem contribuir satisfatoriamente para a boa formação inicial.

CONCLUSÃO

Percebemos que a formação de um bom profissional depende da aprendizagem de conteúdos específicos e pedagógicos, da interligação das diversas áreas da matemática, do despertar dos professores de disciplinas específicas para que se preocupem também com sua didática e reconheçam que a forma de ensinar num curso de licenciatura deve ser diferente da forma de ensinar num curso de bacharelado. Em nossa vivência observamos que não é unicamente a quantidade de horas determinadas para as atividades pedagógicas ou específicas que vão determinar a qualidade da aula, mais vale uma aula curta, bem elaborada e dinâmica que uma aula longa, mal preparada e fatigante.

Observamos que a experiência proporcionada pelo PIBID contribuiu de forma direta para o desenvolvimento de nossa escrita acadêmica, fato esse que auxiliou grandemente para nosso ingresso na pós-graduação. Assim como, na formação de nosso perfil profissional, assim sendo, destacamos as seguintes contribuições que para nós foram as mais significativas: O esclarecimento de quais são nossas características pessoais mais marcantes, que são identificadas facilmente pelos alunos, isto nos levou a crescer como pessoas e adotar uma postura condizente com o que somos e acreditamos; mostrou a importância de dominar o conteúdo e ensiná-lo de uma forma clara, dinâmica e atrativa, contudo sem perder o rigor matemático; ensinou que precisamos conquistar o respeito de nossos alunos para que tenhamos um eficaz domínio de turma, pois quando os alunos têm medo do professor, eles não se sentem à vontade para perguntar, causando um acúmulo de dúvidas o que é altamente nocivo à aprendizagem, mas, em contrapartida se o professor é “bonzinho” ele não consegue impor limites aos alunos e



aula torna-se uma confusão; contribuiu também para o desenvolvimento do gosto pela docência.

Muitas são os desafios que o aluno de licenciatura encontra para tornar-se docente, como a falta de metodologias adequadas durante o curso tanto nas disciplinas específicas como nas pedagógicas, e a falta de experiências significativas em sala de aula proporcionadas pelo curso. Para nós fica o sentimento que o aluno de licenciatura precisa estar ciente das competências necessárias para a constituição de um bom professor e buscar desenvolvê-las a despeito das debilidades do curso de licenciatura a qual pertence.

REFERÊNCIAS

CURY, Helena Noronha. A Formação dos Formadores de Professores de Matemática: Quem Somos, o que Fazemos, o que Poderemos Fazer? In:_____. (Org.). **Formação de Professores de Matemática: Uma visão Multifacetada**. 1º ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

GRILLO. Prática Docente: Referência para Formação do Educador In: CURY, H. N. (Org.). **Formação de Professores de Matemática: Uma visão Multifacetada**. 1º ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.